

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - BACHARELADO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**ALINE DE OLIVEIRA**

**ESPORTE TAMBÉM É COISA DE MENINA: ABORDAGENS ACERCA  
DA INSERÇÃO DA MULHER NO ESPORTE**

**VOLTA REDONDA  
2020**

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - BACHARELADO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**ESPORTE TAMBÉM É COISA DE MENINA: ABORDAGENS ACERCA  
DA INSERÇÃO DA MULHER NO ESPORTE**

Artigo apresentado no Curso de Educação Física -  
Bacharelado como requisito à obtenção do título de  
Bacharel em Educação Física.

Aluna:

Aline de Oliveira

Orientador:

Prof. Dr. Cláudio Delunardo Severino

**VOLTA REDONDA  
2020**

## RESUMO

Mesmo que o esporte seja reconhecido como uma instituição social na qual são identificados aspectos culturais associados aos mais diferentes grupos, as mulheres ainda necessitam conquistar um espaço maior, na condição de merecedoras de uma igualdade necessária para o cumprimento de seu papel na sociedade. No cenário esportivo, o preconceito está alicerçado na hipótese de que as mulheres não são suficientemente aptas à prática sistematizada das variadas modalidades da mesma maneira que os homens. O objetivo do presente estudo foi investigar as particularidades que envolvem a participação das mulheres no esporte. Para isso, a metodologia empregada na sua construção se tratou de uma revisão bibliográfica de cunho exploratório, na qual se explorou o objeto de estudo por intermédio de diferentes autores que já abordaram o mesmo a partir de publicações científicas. Notou-se que o esporte não deve mais ser considerado unicamente do homem, mas algo de todos, que ganhe visibilidade e valorização ao se tratar de mulheres, e que inegavelmente é um instrumento fundamental na luta pela igualdade.

**Palavras-chave:** Mulher; esporte; preconceito; igualdade.

## **ABSTRACT**

Even though sport is recognized as a social institution in which cultural aspects associated with the most different groups are identified, women still need to conquer a larger space, as they deserve the necessary equality for the fulfillment of their role in society. In the sports scene, prejudice is based on the hypothesis that women are not sufficiently able to systematize the various modalities in the same way as men. The aim of the present study was to investigate the particularities that involve women's participation in sport. For this, the methodology used in its construction was an exploratory bibliographic review, in which the object of study was explored through different authors who have already approached it from scientific publications. It was noted that sport should no longer be considered solely by men, but something for everyone, that gains visibility and appreciation when dealing with women, and that undeniably is a fundamental instrument in the fight for equality.

**Keywords:** Woman; sport; preconception; equality.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 METODOLOGIA.....	6
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	6
3.1 O esporte.....	6
3.2 A inserção da mulher no universo cultural do esporte .....	8
3.3 Esporte, um espaço para tod@s.....	12
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	15

## 1 INTRODUÇÃO

Mesmo que o esporte seja reconhecido como uma instituição social na qual são identificados aspectos culturais associados aos mais diferentes grupos, as mulheres ainda necessitam conquistar um espaço maior, na condição de merecedoras de uma igualdade necessária para o cumprimento de seu papel na sociedade. Percebe-se atualmente um conjunto de mudanças consideradas significativas acerca do protagonismo das mulheres. Cada vez mais as mulheres vêm se manifestando pela igualdade de gênero e, também, contra o assédio sexual e a violência doméstica que tem apresentado números alarmantes tanto no Brasil como no exterior (FIRMINO, 2019).

Para Santana e Silva (2015), há a percepção da importância da inserção das mulheres no universo esportivo, pois esta assume um papel relevante no que tange à visibilidade do reconhecimento da mulher em todas as instituições sociais. A respeito dessa questão, as referidas autoras ressaltam ainda que o esporte e a prática de exercícios físicos há muito tempo fazem parte da formação humana, mas, não obstante, nem sempre todos puderam vivenciar tal prática, pois às mulheres não era sequer permitido assistir às exposições e competições esportivas. Goellner (2005) complementa com a afirmação de que mesmo com muitos avanços, as condições para a inserção das mulheres no universo das práticas esportivas, seja no esporte de rendimento, no lazer ou em qualquer outro formato, ainda se encontram bem inferiores se comparadas às dos homens.

Se a condição supramencionada for compreendida como uma forma de preconceito, pode-se considerar que essa manifestação se faz presente na sociedade e pode se apresentar de diversas maneiras, por exemplo, a cor da pele, sexo, raça, orientação sexual ou idade (MOURA et al., 2017). Os mesmos autores afirmam ainda que em se tratando do contexto esportivo e a considerar que este pode ser compreendido como uma possibilidade de reprodução dos valores da sociedade, a realidade não se mostra diferente. Nesse caso, o preconceito está alicerçado na hipótese de que as mulheres não são suficientemente aptas à prática sistematizada de modalidades esportivas da mesma maneira que os homens.

O objetivo do presente estudo é investigar as particularidades que envolvem a participação das mulheres no esporte. O referencial teórico dessa pesquisa se

baseia em estudos voltados para essa temática e que foram desenvolvidos por pesquisadores que já realizaram estudos relacionados ao tema proposto, como Goellner (2005) e Firmino (2019), entre outros. Na construção desse referencial, foram priorizados aspectos associados ao esporte e, em uma perspectiva histórica, a participação das mulheres nesse cenário por meio de lutas que almejavam a igualdade e a ressignificação dos papéis sociais, além de aspectos legais e o comportamento da mídia em relação ao tema em questão.

O presente estudo se justifica pela possibilidade da obtenção de um conjunto de informações que oportunizem a docentes e acadêmicos um entendimento acerca do esporte, a sua prática por mulheres e as dificuldades enfrentadas por estas no sentido de fazer com que o universo esportivo se caracterize como um espaço igualitário, independente do gênero de seus praticantes.

## **2 METODOLOGIA**

A metodologia empregada na construção de um estudo acadêmico, na perspectiva de Santos (2018), é compreendida como um fator determinante para a condução da pesquisa, significando uma etapa do processo que possibilita a obtenção de informações associadas ao objeto de estudo.

Nesse sentido, o presente estudo se trata de uma revisão bibliográfica de cunho exploratório que apresenta como característica a exploração de um determinado tema por intermédio de diferentes autores que já abordaram o mesmo a partir de publicações científicas (LAKATOS, 2007).

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **3.1 O esporte**

O esporte institucionalizado é considerado, em diversas ocasiões, como um fenômeno sociocultural, apesar de que, em uma perspectiva histórica, a sociedade

nem sempre tivesse tido a compreensão de ser ele um espaço democrático. Isso em decorrência do fato de que o esporte, por ser considerado um espaço destinado aos homens, era visto como incompatível com a fragilidade das mulheres, tornando-o, assim, uma prática elitista (SEVERINO, 2019). Na condição de fenômeno sociocultural e como um reconhecido apoio para uma hegemonia cultural por parte dos homens, Altmann (2015) afirma que o esporte tem assegurado não apenas um espaço no qual se pensa apenas nas questões fisiológicas quando se discute sobre a presença das mulheres nos campos esportivos, mas a clareza quanto ao fato de que, como praticamente todas as instituições sociais, ele - o esporte - representa mais cenário para a reprodução das relações de gênero.

Na condição de elemento inserido na sociedade, o esporte é de grande relevância tanto na construção desta como também no universo midiático. Isso se justifica pelo fato de ser o esporte ser identificado como um contributo para o desenvolvimento da saúde, da educação e da cidadania, além de contemplar, a partir do *status* de “espetáculo” os anseios do mundo mercadológico e capitalista pois, afinal, ele é reconhecido no mundo dos negócios como um produto que vende (OLIVEIRA; BARBOSA, 2013).

As autoras acima mencionadas apontam três aspectos que corroboram a importância apresentada a respeito do esporte:

A primeira ressalta que o esporte permite a aproximação, confraternização de povos e o conhecimento de várias culturas. Um exemplo claro dessa afirmação são as Olimpíadas. A segunda salienta que no âmbito social, o esporte tem um papel pedagógico no processo de formação de um indivíduo, ajudando a ter disciplina, respeito à hierarquia, solidariedade e espírito de equipe. A terceira vem destacar os aspectos econômicos, pontuando que o esporte movimenta uma grande indústria diversificada e especializada na produção de equipamentos esportivos, uniformes, entre outros (OLIVEIRA; BARBOSA, 2013, p. 18).

Mesmo com a sua importância reconhecida, o esporte ainda apresenta uma face não muito nobre. Para Camargo e Kessler (2017) o universo esportivo pode ser compreendido como um dos campos inseridos na sociedade de maior segregação de gênero, pois a natureza desse espaço quase sempre faz questão de generificar não somente o desempenho esportivo de seus praticantes, mas também os papéis sociais que os indivíduos acreditam que devem cumprir.

Os Jogos Olímpicos talvez sejam a maior representatividade do esporte, pois trata-se de um evento que reúne a cada quatro anos os melhores atletas do planeta

de cada modalidade esportiva. Em seus estudos, Firmino (2019) aponta que na primeira edição dos Jogos da Era Moderna, realizado em Atenas no ano de 1896, 43 países foram representados por 211 atletas, sendo relevante a observação de que nenhuma mulher participou das competições. Essa situação contradiz com a proposta do renascimento dos Jogos, inspirada no sentimento da comunicação entre os povos, na paz e na igualdade. Segundo Oliveira et al. (2008), os Jogos Olímpicos eram considerados ideais para que fosse representada a figura viril, forte e corajosa do homem, ficando reservado às mulheres apenas o ato de coroar os atletas vencedores.

A considerar as primeiras edições dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, em Paris no ano de 1900, algumas modalidades foram permitidas às mulheres, como o golfe, a vela e o tênis, pois eram considerados como belos esportes, além de não ocorrer o contato físico durante as competições. Já nos Jogos de 1904, realizados em Saint Louis, houve apenas a participação das mulheres nas competições de tiro com arco (OLIVEIRA et al., 2008).

Das primeiras edições dos Jogos até os tempos atuais, o esporte significou um espaço no qual as mulheres lutaram - e lutam – por direitos iguais. Para Pierro e Vita (2007), o esporte não pode ser compreendido unicamente como uma possibilidade de se exercitar o corpo ou de ser um contributo para a melhoria da saúde e da qualidade de vida, mas também como um campo fecundo para a reflexão acerca de valores culturais que constroem uma sociedade justa e igualitária.

### **3.2 A inserção da mulher no universo cultural do esporte**

Inicialmente, pretende-se neste tópico apresentar, em uma perspectiva histórica, menções associadas a participação das mulheres no esporte, a considerar que em tempos passados a associação do esporte com a caça e celebrações religiosas já ocorria com a presença da mulher a auxiliar os homens em tais momentos (OLIVEIRA et al., 2008). Os mesmos autores ressaltam que essas atividades com a presença das mulheres também ocasionavam em proibições por parte dos homens, o que ocorreu até o período da Grécia Antiga, estabelecido a partir de uma estrutura patriarcal.

Desde o seu surgimento, o esporte sempre se caracterizou pelas inúmeras limitações das quais as mulheres foram vítimas em relação aos seus direitos associados à prática esportiva (HILLEBRAND et al., 2008). Segundo Oliveira e

Barbosa (2013) e Firmino (2019), a participação das mulheres era vedada, inclusive na condição de meras expectadoras. A justificativa para tal proibição se dava pelo fato de que a considerar que o acesso ao local do Jogos era bastante inclinado, as mulheres poderiam sofrer problemas de ordem fisiológica. Não obstante, a verdadeira razão para essa proibição estava ligada ao ato de guerrear, uma atividade que não possibilitava a participação das mulheres, as quais lhes eram destinadas unicamente a tarefa de ser mãe (OLIVEIRA; BARBOSA, 2013). Torna-se evidente que, sob o pretexto de preservar as condições de saúde das mulheres, faz-se uso da natureza específica, fazendo das características corporais as razões de uma proibição (LESSA, 2005).

Oliveira e Barbosa (2013) acrescentam que no decorrer da Idade Média, jogos com a utilização de bolas contavam com a participação tanto de homens como de mulheres, porém, mudanças de paradigmas ocorridas no século XVII fizeram com que maridos e namorados estabelecessem condições de inferioridade às suas companheiras, entre elas, a proibição de participar dos eventos esportivos.

De acordo com Ferreira et al. (2013) e Oliveira e Barbosa (2013), o universo esportivo passou a ser palco para a inserção das mulheres a partir do início do século XIX., quando os homens passaram a levar as mulheres para assistir competições de remo, corridas de cavalo e boxe, além de outras modalidades praticadas na neve. Tal inserção vem aumentando na medida em que as teorias tanto sociais como biológicas contrárias à presença das mulheres alcançam cada vez menos credibilidade. Não obstante, os mesmos autores observam que essa conquista – mesmo que lenta e gradual – pode ser compreendida apenas como parcial.

Ainda as respeito da inserção das mulheres no universo esportivo, Pierro e Vita (2007) comentam que foi após os questionamentos feitos por movimentos feministas na década de 1960 no que tange aos papéis sociais que indicavam que as mulheres deveriam cumprir apenas as obrigações vinculadas ao lar e à família, que elas passaram a participar mais ativamente de eventos esportivos.

O esporte, seja em qualquer dimensão, envolve valores culturais dos mais distintos grupos. Sob esse aspecto, as mulheres construíram ao longo dos anos um histórico de lutas com o intuito de serem inseridas no contexto esportivo, fazendo com que, segundo Hillebrand et al. (2008), o esporte se tornasse um campo para a conquista de novos espaços e, também, a ocupação dos já existentes. Tais lutas, de certa forma, não foram diferentes das que foram (e são) travadas para que as

mulheres pudessem ser aceitas em outros segmentos da sociedade os quais são considerados como “masculinos” (FIRMINO, 2019).

Firmino (2019) observa ainda que a presença das mulheres no ambiente esportivo pode representar a ressignificação dos papéis sociais, permitindo que uma mulher venha a exercer um protagonismo que confronte a concepção de que vivemos em um universo dominado pelos homens e construído basicamente a partir de valores considerados masculinos. Além disso, essa presença também pode colocar em risco algumas questões associadas, adequadamente ou não, ao comportamento tipicamente associado às mulheres.

A respeito desses comportamentos, Sousa e Altmann (1999) mencionam que a educação tanto de mulheres como a de homens tem como arcabouço a construção social e corporal dos indivíduos, onde são transmitidos valores, informações e movimentos considerados masculinos ou femininos. A partir dessa construção, todos os movimentos corporais passam a ser vinculados aos homens ou às mulheres.

Pode-se considerar que aos poucos o número de mulheres praticantes de modalidades esportivas vem aumentando como, por exemplo, o número de participantes em Jogos Olímpicos em relação aos homens. Segundo Santana e Silva (2015), isso pode estar associado ao fato de que as relações estabelecidas da prática esportiva com o corpo e do rompimento de barreiras culturais por parte das mulheres para se inserirem em determinados espaços sociais estão contribuindo para a desconstrução de determinados preconceitos. Apesar disso, ainda se percebe a submissão por parte das mulheres aos paradigmas fortemente estabelecidos há tempos, principalmente aqueles associados à imagem corporal e a sexualidade das atletas (SOUZA; KNIJNIK, 2007). Nota-se que, nesse caso, tais paradigmas estão, em parte, vinculados à mídia que, por meio de reportagens e transmissões esportivas em geral, proporcionam a sua reprodução a partir de comentários voltados para a aparência das atletas, quando deveriam priorizar o desempenho e os resultados alcançados nas competições.

Como se não bastasse, o tratamento dado a cada um dos sexos na cobertura do jornal - aqui apurado por meio das marcas de gênero -, mostra uma desigualdade muito grande, e uma diferença no foco das reportagens: as marcas de gênero e comentários relacionados à aparência foram mais frequentes para as mulheres do que para os homens. Os homens constantemente tinham narradas as suas habilidades como atletas. Já as reportagens sobre mulheres atletas costumam enfatizar sua feminilidade e beleza (SOUZA; KNIJNIK, 2007, p. 45).

Sobre essa questão, os mesmos autores complementam com a afirmação de que as expressões utilizadas pela mídia invariavelmente se caracterizam pela diferença de tratamento aos esportes conforme estes são praticados por mulheres ou homens, pois estes são citados como ídolos ou heróis enquanto elas são associadas quase sempre aos atributos que reforçam o gênero feminino. Sobre isso, Adelman (2006) sugere que no universo esportivo, a mídia reforça a reprodução de um padrão de comportamento que estabelece um conceito sobre a mulher baseado em um corpo com medidas proporcionais, de acordo com a visão masculina e heterossexista amparada por um discurso hegemônico.

Ainda acerca do esporte e a sua associação às mulheres, Goellner (2012) faz menção a dois aspectos que, de certa forma, prejudicam essa relação. O primeiro aspecto é referente à indiferença apresentada pelos movimentos feministas quanto aos debates realizados a respeito da participação das mulheres no universo esportivo. A segunda questão está vinculada ao fato de que as pesquisas a respeito do esporte costumam ignorar a sua masculinização.

Outra questão a ser considerada é referente a leis que foram criadas no sentido de fortalecer a ideia de que o esporte deveria ser considerado um espaço definido como de domínio dos homens. Sobre isso, Castellani Filho (1989, p. 89) cita como exemplo o artigo 54 do Decreto Lei 3.199/41, que estabelecia que, em relação às mulheres, “não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções de entidades desportivas do país”. Nesse caso, percebe-se que tal decreto se baseava em aspectos biológicos e anatômicos para estabelecer quais as modalidades que seriam praticadas pelas mulheres.

Ao se colocar em pauta as questões de gênero e a sua ênfase ao caráter social das mais diversas distinções alicerçadas no sexo dos indivíduos, é possível se perceber com isso as representações das diferenças sexuais entre mulheres e homens. Entretanto, na perspectiva de Sousa e Altmann (1999), além das diferenças biológicas entre as mulheres e os homens, outras distinções de caráter sociocultural foram construídas. Isso significa que, se forem levadas em consideração as questões de gênero, as diferenças biológicas, fisiológicas e anatômicas não necessitam ser desprezadas, mas torna-se relevante a observação de que outras diferenças também devem ser notadas.

Acerca das diferenças supramencionadas, Furlan (2009) indica que, além destas, deve ser considerada também a existência de identidades distintas, autônomas e independentes. A respeito do objeto investigado no presente estudo, percebe-se a relação entre diferença e identidade pois:

Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Quando se fala de uma característica de alguém, de algo que o identifica, nega-se algo que é contrário, ou seja, a diferença. Identidade e diferença são, pois, criações sociais e culturais inseparáveis (FURLAN, 2009, p. 22).

A mesma autora aponta ainda que além da interdependência entre as diferenças e a identidade, outro aspecto deve ser considerado. Considera-se que as duas são consequências de meros atos de linguagem e que necessitam estar constantemente reproduzidas por intermédio de símbolos e discursos. Diante dessa ligação, nota-se que tanto a diferença quanto a identidade estão conectadas com as relações de poder em praticamente todas as instituições sociais - aqui em se tratando do esporte -, fazendo com que sejam criadas marcas que objetivem as distinções, por exemplo, excluir, classificar ou normalizar, o que acarreta também nas oposições binárias como masculino/feminino ou heterossexual/homossexual (FURLAN, 2009).

Mesmo com todos os questionamentos acerca das diferenças entre mulheres e homens, pode-se considerar que nos tempos atuais os conceitos que envolvem o esporte e a sua prática estão se modificando, como a percepção de que praticamente todas as modalidades podem ser praticadas por todos e todas. Todavia, nota-se que o esporte ainda se trata de uma instituição social generificada, pois uma análise dos conceitos empregados em transmissões esportivas para que se perceba uma ênfase à beleza das mulheres e seus atributos físicos “apesar de serem atletas” (SOUSA; ALTMANN, 1999).

### **3.3 Esporte, um espaço para tod@s**

Talvez não seja possível negar, atualmente, a presença das mulheres no esporte, seja ele composto por características voltadas para o alto rendimento, como um mero produto mercadológico ou simplesmente como uma atividade voltada para o lazer. Diante dessa realidade, pensa-se que há a necessidade por parte das mulheres em se estabelecer nesse cenário o seu próprio estilo, os seus valores e, de maneira

imprescindível, fazerem do esporte um espaço para a sua expressão. Para isso, observa-se que apenas a busca por uma condição de igualdade em relação aos homens não é o suficiente, mas associado a isso, estabelecer condições para que o esporte seja percebido como “de mulher”, sendo visto e apreciado por isto (LOVISOLO et al., 2006). Em seus estudos, Adelman (2006) também reconhece o avanço da participação das mulheres nas mais diversas modalidades esportivas, principalmente ser for levado em consideração o diminuto espaço que tinham no período o qual o pensamento voltado para a fragilidade da mulher era predominante. Entretanto, percebe-se ainda a necessidade da construção ou do entendimento do esporte como um potencial espaço para reflexões acerca das mudanças socioculturais associadas às relações de gênero.

Nota-se ainda que, de acordo com Firmino e Ventura (2015), mesmo com o reconhecido avanço, o esporte não foi completamente alcançado pelas mulheres, pois estas ainda são vítimas de conceitos conservadores e de estereótipos associados a imagem de atleta. Compreende-se que mesmo que deva ser um espaço dedicado a todos os indivíduos, o esporte ainda funciona a partir de suas próprias normas, geralmente associadas aos segmentos dominantes da sociedade.

No esporte e em todos os outros segmentos da sociedade, é reconhecida ainda a necessidade constante da compreensão acerca da aceitação das diferenças e do respeito à diversidade, onde o ser diferente dos padrões preestabelecidos por expressões binárias necessita ser considerado. Para isso, torna-se necessária a extinção da prevalência das relações de gênero e do conservadorismo, objetos empregados para a solidificação do empoderamento masculino no espaço esportivo (COSTA; SANTOS, 2018).

Para Severino (2019), o preconceito diante da presença das mulheres no esporte comprova que ainda são evidentes as ações associadas à construção social amparada nas diferenças entre os gêneros. Infelizmente, o esporte ainda atribui modalidades que são preferencialmente destinadas aos homens ou às mulheres de acordo com suas especificidades, havendo a real necessidade de que isso seja superado para que não sejam construídos modelos de comportamento em um espaço que deve ser aproveitado de maneira igualitária.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos realizados notou-se a importância da evolução gradativa das mulheres no contexto esportivo, que foi e ainda é uma grande luta. Ao longo de construções sociais baseadas na sociedade patriarcal e definições de feminino e masculino, as mulheres sofreram e ainda sofrem uma série de preconceitos em diversos aspectos. O patriarcado ainda perpetua, pois não houve uma ruptura completa de pensamentos, no qual associa que uma mulher cozinhando é normal, mas uma mulher jogando futebol não, isso se deve a determinação de atividades sendo como de homem ou de mulher.

Os estudos mostraram ainda que o predomínio masculino nos séculos passados, não só no esporte, mas em vários segmentos da sociedade, estabeleciam as mulheres apenas a determinadas tarefas específicas, como a responsável pelo papel reprodutivo, de mãe e cuidadora do lar. Esse contexto limitava a participação da mulher em atividades que eram destinadas aos homens, evitando assim uma possível masculinização por serem atuações mais brutas, no qual julgavam prejudicar não só o seu papel de procriadora, mas também sua feminilidade.

O mais interessante observar é o rompimento de algumas barreiras perpetuadas a muito tempo na sociedade, pois ao serem quebradas constituem um ato de democracia.

Esse avanço deveu-se em grande parte graças aos questionamentos feministas, que na década de 1960 indagavam os papéis que deveriam ser exercidos pelas mulheres na sociedade. Gradativamente então, as visões e os preconceitos acima da participação da mulher no universo esportivo, considerado até então espaço exclusivamente masculino, foram sendo desconstruídas, mesmo que ainda sejam impostos estereótipos em relação a feminilidade e sexualidade das praticantes.

O esporte não deve mais ser considerado algo de homem, mas de todos, que ganhe visibilidade e valorização ao se tratar de mulheres e que inegavelmente é um instrumento fundamental na luta pela igualdade.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, M. Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades. **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 11-29, jan./abril de 2006

ALTMANN, H. **Educação física escolar**: relações de gênero em jogo. São Paulo: Cortez, 2015

CAMARGO, W. X; KESSLER, C. S. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 23, n. 47, p. 191-225, jan./abril de 2017

CASTELLANI FILHO, L. Esporte e mulher. **Motrivivência**, Florianópolis v. I, p. 7-10, 1989.

COSTA, F. S; SANTOS, A. M. Diferença e igualdade nas relações de gênero no esporte. **Holos**, Natal-RN, ano 34, v. 5, p. 140-150, 2018

FERREIRA, H. J. et al. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 103-124, jul./set., 2013.

FIRMINO, C. B; VENTURA, M. S. “Sou atleta, sou mulher”: a representação feminina e as modalidades mais noticiadas nas Olimpíadas de Londres 2012. In: **X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e V Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã**, Bauru-SP. Anais, 2015

\_\_\_\_\_. Empoderamento e relações de poder: a cobertura feminista da Copa do Mundo da Rússia pelo projeto *dibradoras*. **FuLiA / UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 23-38, jan./abr., 2019

FURLAN, C. C. **Além das aparências: gênero e corpo no cotidiano da educação física escolar**. Maringá-PR: Universidade Estadual de Maringá, 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Educação Física - Licenciatura

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 8, n.1, p. 85-100, jan./jun. 2005

\_\_\_\_\_. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro-RJ, v. 19, n. 34, p. 45-52, 2012

HILLEBRAND, M. D. et al. Preconceito de gênero em mulheres praticantes do esporte universitário. **PSiCo**, Porto Alegre, PUCRS, v. 39, n. 4, p. 425-430, out./dez. 2008

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007

LESSA, P. Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista. **Motrivivência**, Florianópolis, ano XVII, n. 24, p. 157-172, jun. de 2005

LOVISOLO, H. et al. Feministas, mulheres e esporte: questões metodológicas. **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 03, p. 165-191, set./dez. de 2006.

MOURA, G. X. et al. Mulher e esporte: o preconceito com as atletas de Rugby da cidade de Maringá. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 50, p. 17-30, maio de 2017

OLIVEIRA, G. et al. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 117-125, 2008

OLIVEIRA, M. E. N; BARBOSA, R. N. **Revista Dela's: A participação feminina no esporte profissional e amador Cearense**. Fortaleza: CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO CEARÁ, 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. Comunicação Social Habilitação em Jornalismo – Bacharelado

PIERRO, C; VITA, I. Mulher e esporte: uma perspectiva de compreensão dos desafios do ironman. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo, v.1, n.1, dez. de 2007

SANTANA, D. O; SILVA, G. O. S. O papel da mulher dentro do contexto esportivo: uma análise a partir do futebol. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/ADM/Downloads/1562-6025-1-PB%20(1).pdf>. Acesso em: 03 fev. 2020

SANTOS, B. F. Esporte no contexto escolar: esporte e escola. **Revista Brasileira do Esporte Coletivo**, Vitória de Santo Antão-PE, v. 2, n. 2, p. 4-16, 2018

SEVERINO, C. D. **A percepção dos professores sobre o ensino do basquetebol, a participação das meninas e o uso das TICs nas aulas de educação física**. Rio Claro: UNESP, 2019. 222 f. Tese. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias do Instituto de Biociências da UNESP, Universidade Estadual Paulista, 2019

SOUSA, E. S; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, Campinas, ano XIX, n. 48, p. 52-68, 1999

SOUZA, J. S; KNIJNIK, J. D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, jan./mar. de 2007